

**UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO
DA PRONÚNCIA DO LATIM CLÁSSICO
NO FINAL DA REPÚBLICA ROMANA**

*Lincoln Almir Amarante Ribeiro*³⁸

*Gláucia Vieira Cândido (UEG)*³⁹

glaucia.v@uol.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve proposta de descrição da pronúncia da língua latina, em sua modalidade clássica, tal como provavelmente era falada no fim do Século I a. C., ou seja, no término da República Romana. O trabalho mostra, com base em informações diversas, um levantamento de sons vocálicos e consonantais que, em um consenso entre os estudiosos do latim, se constituem como aqueles que provavelmente eram usados na época especificada. Sobre os casos que suscitam controvérsias no meio acadêmico, são feitas algumas discussões propondo interpretações consistentes e hipóteses que estejam o mais próximo possível da pronúncia dos latinos. Para tanto, buscou-se apoio em teorias fonológicas e em métodos da Linguística Histórico-Comparativa.

Palavras-chave: latim Clássico. Fonologia. Linguística Histórico-Comparativa.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, a exibição do filme “A Paixão de Cristo” do cineasta norte-americano Mel Gibson, falado em Aramaico e latim, despertou em muitos estudantes de língua latina, em particular, e no público, em geral, certa curiosidade a respeito da pronúncia do latim falado nos tempos de Jesus Cristo (séc. I a.C.). Isso, aliás, a despeito de sabermos que o idioma latino falado no referido filme é o chamado eclesiástico, que era usado na Idade Média pelos abades da Igreja Católica Romana. Neste artigo, apresentaremos uma proposta de descrição para a pronúncia da língua latina, mais especificamente, da pronúncia reconstruída pelos linguistas históricos e que se acredita foi falada no final da República Romana, ou seja, no término do Sé-

³⁸ Ex-professor do Departamento de Física da UFMG (falecido) e pesquisador do GICLI (Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas da UEG). Doutor em Ciências, UFMG.

³⁹ Professora do Curso de Letras da UEG. Pesquisadora do GICLI (Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígenas). Doutora em Linguística, UNICAMP. (glaucia.v@uol.com.br)

culo I a. C. Com base em informações diversas, apresentaremos um levantamento de sons vocálicos e consonantais que, entre os estudiosos do latim, são apontados como aqueles que provavelmente eram falados na época especificada. Além disso, sobre os casos que suscitam controvérsias, faremos algumas discussões objetivando propor hipóteses consistentes e que estejam o mais próximo possível da pronúncia dos latinos.

1. Considerações preliminares

Um fenômeno comum no aprendizado de uma língua escrita, seja ela materna ou estrangeira, é a confusão que se faz entre os sons dessa língua e as letras de um dos vários alfabetos usados para representar os referidos sons na escrita. Notoriamente, os sistemas de escrita das línguas costumam variar bastante. Contudo, a ortografia é somente um meio socialmente aceitável de codificar os sons significativos de uma língua, sendo a escrita uma convenção para uso comum entre seus falantes.

Às vezes, porém, nem sempre tais convenções escritas correspondem ao que o falante reconhece como sons em sua língua. Em português, por exemplo, existem vários casos que ilustram isso, especialmente, no campo das consoantes: o grafema **c**, na palavra “**ce**ra”, em vez de corresponder ao som [k], representa a consoante [s], ou seja, [se□ç̃a]; o grafema **x**, em “**fixo**”, ao invés do som fricativo palato-alveolar (também representado na escrita pelo dígrafo **ch**), corresponde à sequência de consoantes **ks**, ou seja, [fi□kso]; o grafema **s**, em “**ca**sa”, em vez de [s] corresponde a [z], isto é, [ka□za].

E se as dificuldades no âmbito da língua materna parecem grandes, como nos exemplos citados, em um idioma não conhecido ou não mais falado, como é o caso do latim, a situação pode ser ainda mais grave. Essas divergências podem, todavia, ser neutralizadas em estudos linguísticos descritivos, em especial, por meio do método de transcrição fonética, o qual consiste em uma convenção internacional para pronúncia dos sons das línguas naturais sejam elas de tradição escrita ou ainda ágrafas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A transcrição fonética é uma ferramenta para descrever e analisar sons para que sejam entendidos por qualquer pessoa independente de seu conhecimento da língua descrita. Nesse sentido, parte dos linguistas utiliza o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), cujos símbolos visam a representar da maneira mais precisa possível cada som (re)conhecido das línguas do mundo.⁴⁰

Embora os sistemas de escrita possam variar consideravelmente de língua para língua, a transcrição fiel de sons de determinado idioma, representada por símbolos do IPA ou de qualquer outro alfabeto fonético, possibilita a qualquer pessoa reconhecer e até reproduzir os sons linguísticos. Ademais, o reconhecimento dos símbolos também pode proporcionar uma maior facilidade de verificação das peculiaridades que distinguem os sons de uma língua para outra.⁴¹

2. O alfabeto latino

O alfabeto latino ou romano foi criado no século VII, mais precisamente em 753 a. C., de acordo com a lenda. Era baseado no alfabeto dos Etruscos (um povo que dominou o nordeste da Itália nos primórdios da história de Roma). O alfabeto etrusco, por sua vez, derivou-se do grego, o qual, por seu turno, tem suas raízes nas escritas fenícias, ou seja, no alfabeto semítico do norte que já estava em uso, no século XII a. C., na Síria e na Palestina.

Segundo Lehmann e Slocum (2004), os caracteres latinos foram importados diretamente dos símbolos gregos. Todavia, isso não procede, já que o nome das letras na língua latina é claramente de origem etrusca (ou seja, “a”, “be”, “ce” etc., e não *alpha*, *beta*, *gamma*, como no Grego) e, ainda, porque a representação da consoante

⁴⁰ Apesar da semelhança com símbolos gráficos, os símbolos fonéticos não se confundem com letras. Convencionalmente, os símbolos fonéticos aparecem entre colchetes; os gráficos (letras ou grafemas) podem ser descritos entre parênteses angulares ou sem nenhuma convenção específica. Neste artigo, adotamos a última opção porque, sendo a forma clássica do latim não mais falada, o mais importante em uma descrição são as fontes escritas.

⁴¹ Para trabalhar com o Alfabeto Fonético Internacional, são necessários alguns pressupostos teóricos, os quais podem ser obtidos em Silva (1999), Santos e Souza (2003), entre outros.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fricativa lábio-dental desvozeada [f], nos documentos mais antigos, era **FH**, mais uma característica da escrita etrusca.

Das 26 letras originais do alfabeto etrusco, os romanos importaram 21 símbolos gráficos. Praticamente, trata-se do mesmo alfabeto do português brasileiro (que, aliás, foi emprestado do latim). A exceção fica por conta da presença dos grafemas **K**, **Y** e da ausência de **J**, **U**. Como já dissemos, o alfabeto latino derivou-se por empréstimo de uma das formas do alfabeto grego e, por isso, inicialmente, não continha as letras **G** e **Y**. Dessa maneira, o alfabeto latino é assim constituído: **A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Y, Z**.

Como podemos notar, todas as letras eram grafadas em sua forma maiúscula. O formato minúsculo só foi introduzido nos alfabetos derivados das línguas “ocidentais” no fim do século VIII de nossa era, quando da entrada na escrita das chamadas letras cursivas, que eram usadas na escrita *uncial*, isto é, aquela utilizada pelos romanos, a partir do século I, e pelos gregos, a partir do século IV. Esse tipo de escrita se constituía de letras grandes, arredondadas e que, mesmo conservando a forma das maiúsculas, já prenunciavam as minúsculas. Aliás, na literatura em geral, a adoção das letras minúsculas é mais usual; motivo este que nos induz a também adotá-las na maior parte deste estudo.

Em termos fonéticos, algumas particularidades podem ser assinaladas, por exemplo, por muito tempo, não houve distinção na escrita entre os sons oclusivos velares vozeado [g] e desvozeado [k]. Assim, inicialmente, a letra **C** se referia também à pronúncia da consoante [g], valor este retido sempre nas abreviaturas **C** (para *Gaius*) e **Cn** (para *Gnaeus*). Somente mais tarde, foi criado o caractere **G** que, inicialmente, tomou o lugar hoje ocupado por **Z** no alfabeto ordenado. No latim mais antigo, **C** também era usado no lugar de **K** com o som de [k]. O símbolo **K** desapareceu exceto em palavras estrangeiras como *Kalendae*, *Karthago*, entre outras.

A letra **I** representava inicialmente o *zeta* grego, ou seja, “ζ”. O caractere **R** por longa data foi representado pelo símbolo **P**. Após a conquista da Grécia no primeiro século a. C., **Y** (originalmente uma forma de **V**) e **Z** foram emprestados do alfabeto grego ordinário para representar, na escrita latina, sons do idioma grego e se posicio-

naram no final do alfabeto latino. Tanto **I** como **V** eram usados como vogais ou consoantes. Em princípio, o símbolo **V** denotava o som da vogal alta posterior [u], enquanto **F** representava a aproximante lábio-velar [w]. Quando **F** adquiriu a função de representar a fricativa [f], **V** passou a referenciar [w], bem como [u].

A propósito, comumente, estudiosos do latim utilizam a letra **u** para representar a vogal [u] e **v**, a aproximante [w]. A letra **i** representa tanto a vogal alta anterior [i] como a aproximante palatal [j], conforme os exemplos: *ius, vir, iuvenis*. Na Idade Média, a letra **J** foi adicionada ao alfabeto para distinguir um dos sons antes representado pela letra **I**; as letras **U** e **W** substituíram a letra **V**, sendo a primeira para indicar [u] e a segunda, [w].

3. O inventário fonético do latim

Devido ao fato de o latim ser uma língua não mais falada cotidianamente e de não contarmos com gravações de seus sons tais como eram articulados no passado, uma pergunta natural a se fazer é: como determinar a pronúncia do latim, conforme estamos propondo no presente estudo?

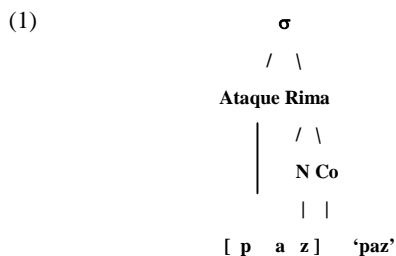
A princípio, é necessário buscar na literatura informações que minimamente nos norteiem no levantamento de um inventário geral dos sons. Evidentemente, algumas fontes podem facilitar a elaboração desse inventário, como por exemplo: os estudos das gramáticas comparativas; afirmações diretas de gramáticas antigas; a métrica de poesias que dá subsídios para determinar a duração das vogais; a ortografia nos manuscritos e nas inscrições, em que as variações são extremamente importantes; trocadilhos antigos, velhas etimologias, representações de gritos de animais, entre outros; a ortografia usada em latim na transliteração de palavras importadas de outras línguas e também aquelas usadas por línguas importadas e transliteradas do latim.

Em geral, com essas fontes nos é possível chegar a um consenso acerca dos sons que supostamente foram falados no latim Clássico do final do Século I a. C., como veremos na descrição aqui exposta. Contudo, também por meio das fontes, nos deparamos com algumas controvérsias que suscitam dúvidas a respeito de alguns sons. Dessa forma, nossa tarefa maior aqui é, então, buscar “resol-

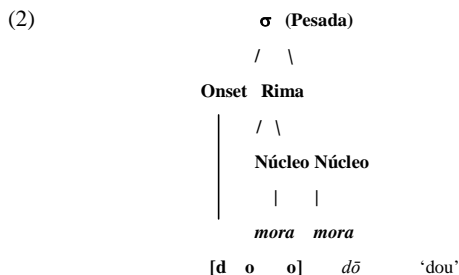
ver” os casos em que não há concordância sobre sua absoluta ocorrência entre as diversas fontes. Para tanto, recorrer às teorias fonológicas atuais ou a métodos da linguística histórico-comparativa parece-nos uma alternativa interessante, tal como pretendemos mostrar nas próximas seções.

3.1. As vogais latinas

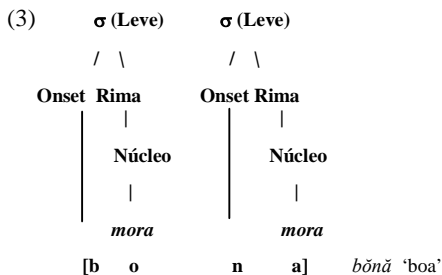
As vogais do latim clássico diferem entre si em termos de sua quantidade ou duração, isto é, o tempo de sua pronúncia. Assim, podem ser breves, quando pronunciadas em apenas uma *mora*, ou longas, quando pronunciadas em duas *moras*. De acordo com Hayes (1995, p. 51), *moras* são unidades de peso dentro da sílaba que, por sua vez, é definida, segundo as teorias fonológicas não lineares, como uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, o *ataque*, e por outro obrigatório, a *rima*. Este último se subdivide em um *núcleo* (também obrigatório), e uma *coda* que, por sua vez, é opcional. Convencionalmente, a estrutura silábica é representada pela letra grega sigma “σ”, de modo que, na palavra “paz”, pode ser assim descrita:



Quanto aos tipos, as sílabas podem ser leves ou pesadas. Estas últimas, como já dissemos, se caracterizam por ser formadas por duas *moras*, enquanto as leves, por uma *mora* somente. No exemplo em (2), a seguir, o primeiro caso é ilustrado pela palavra latina *dō* que traduz o verbo “dar” na primeira pessoa do singular do modo indicativo no tempo presente.



Como podemos notar, na palavra *dō*, a vogal [o] é prolongada de modo a constituir duas *moras*, o que é evidenciado na transcrição fonética [doo] (ou em [dō], em que [] indica o alongamento vocálico, conforme convenção adotado por alguns foneticistas). Isso torna a sílaba em questão pesada⁴², diferentemente do que ocorre na palavra também latina *bōnā* que traduz o adjetivo feminino “boa”, a seguir:



Pelas representações dadas, deduzimos que as duas sílabas que compõem *bōnā* têm rimas simples, constituídas por núcleos silábicos também simples, ou seja, preenchidos por apenas uma *mora*. Daí que ambas as sílabas são leves. Em termos de duração, a vogal da sílaba da palavra em (2) é longa. Em contrapartida, as vogais das duas sílabas da palavra em (3) são breves.

Com respeito ao sistema de duração vocálica na língua latina,

⁴² De acordo com Hayes (1995, p. 51), também pode ser considerada pesada a sílaba constituída por VOGAL + VOGAL (formando ditongo, como em “mãe”, “pai”, entre outras) ou por VOGAL + CONSOANTE (ou seja, do tipo encontrado nas palavras “paz” e “mar” cujas últimas consoantes ocupam a posição de coda na rima silábica).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pelo fato de este ter se perdido após o período clássico, não nos é possível precisar como as vogais eram pronunciadas de fato naquele período. Contudo, pelo desenvolvimento das línguas neolatinas, a hipótese mais aceita é a de que as distinções de quantidade estejam associadas também a distinções qualitativas, nas quais as vogais breves eram mais abertas que as longas. Nesses termos, na falta de dados mais precisos, adotamos o quadro de sons vocálicos dados na Tabela I seguinte:

Altura/ Abertura	Anterior	Central	Posterior
Alta/Fechada	i		u
Média- alta/Fechada	e		o
Média- baixa/Aberta	ɛ		ɔ
Baixa/Aberta	a		
	Não- arredondada	Arredondada	Arredondada

Tabela I: Inventário fonético vocálico do latim Clássico.

Ressaltando que, no latim, a quantidade vocálica é distintiva, haja vista pares de palavras como *horā* ‘hora’ e *horā* ‘agora’ em que a duração da vogal na última sílaba das palavras distingue a referida vogal entre breve e longa, apresentamos, na sequência, exemplos de sons vocálicos nessa língua, seguidos das letras ou conjuntos de letras (os ditongos: **ae**, **ei**, **oe**, **eu**, **au**, **ui**) que os representam na escrita:

(4) [ɛ]: [ɛk ^w us]	ĕ	<i>ĕquus</i>	‘cavalo’
(5) [e]:	[re gi na] ē	<i>rēgīna</i>	‘rainha’
(6) []:	[l ^o ↑nge] ō	<i>lōngē</i>	‘longe’
(7) [o]:	[k ^w o] ō	<i>quō</i>	‘que (ablativo singular)’
(8) [a]: [raptus]	ā	<i>rāptus</i>	‘rapto’
(9) [a]:	[pa ks]	ā	<i>pāx</i> ‘paz’
(10) [i]: [vikta]	ī	<i>vīcta</i>	‘vida’
(11) [i]:	[prī mus] ī	<i>prīmus</i>	‘primeiro’
(12) [u]: [kaput]	ŭ	<i>capŭt</i>	‘cabeça’
(13) [u]:	[lu na] u	<i>lu na</i>	‘lua’
(14) []:	[p r.rus] yċ	<i>Pyċrrus</i>	‘Pirro, filho de Aquiles’
(15) []:	[p t ag ras] y		‘Pitágoras’
(16) [ai]: [kaysar]	ae	<i>Caesar</i>	‘César’
(17) [au]: [taurus]	au	<i>taurus</i>	‘touro’
(18)[ei]: [dei]	ei	<i>Dei</i>	‘Deus (genitivo)’
(19) [eu]: [europa]	eu	<i>Eurōpa</i>	‘Europa’
(20) [oi]: [poina]	oe	<i>poena</i>	‘punição’

Na escrita, quanto ao quesito duração, os romanos distinguiram as vogais grafando as longas duplicadas. Assim, por exemplo, a vogal baixa [a] era representada pela sequência de letras **aa** nos primeiros tempos. No final da República Romana, utilizava-se uma aspa simples (´) para marcar a vogal longa; já no Império, um acento gráfico agudo (ˆ) indicava o alongamento vocálico. Essas marcas, contudo, nunca foram universalmente aceitas.

Na Idade Média, adotou-se o símbolo (˘) denominado *brachia* (do grego βραχύς “curto”) sobre a letra para marcar a vogal breve (isto é: **ā, ē, ī, ō, ū**) e o símbolo (ˉ), chamado *macron* (do grego μακρός “longo”), para marcar a vogal longa (ou seja: **ā, ē, ī, ō, ū**) que, no presente estudo, estamos utilizando para indicar a duração vocálica. A propósito, comumente, não se marcam todas as sílabas das palavras com os símbolos *macron* e *brachia*. De fato, se todas as sílabas longas apresentam-se assinaladas por um *macron*, obviamente, as não assinaladas ou não marcadas são breves. Desse modo, apenas marcaremos com a *brachia* sílabas que, por algum motivo especial, exigir a indicação da sua condição de breve.

No latim Clássico, o sistema de quantidades era um aspecto essencial dos versos. “Erros” no quesito quantidade vocálica eram considerados práticas de falantes caracterizados como bárbaros. Embora não se possa dispensar o auxílio de um dicionário que contenha as quantidades das sílabas das palavras latinas, algumas regras podem nos nortear na determinação da quantidade vocálica, a saber:

- 1) Se a palavra termina em **i, u, o**, essa vogal é longa; se terminar em **y** é sempre breve. Na maioria das palavras terminadas em **a, e**, essas vogais são breves.
- 2) Todo ditongo é longo.
- 3) Se duas vogais (ou uma vogal e **h**) se seguem formando duas sílabas em uma palavra, a primeira é breve.
- 4) Toda vogal formada por uma contração ou crase (fusão fonética de duas vogais) é longa.
- 5) Uma vogal é breve antes de **nt** e **nd**, antes de **b, d, m** e **t** finais, exceto em monossílabos e seus derivados em **r, l** finais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 6) Uma vogal antes de **nf**, **ns**, **nx** e **nct** é longa.
- 7) Uma vogal é longa antes de **c**, **n**, **x**, **z** em final de palavra.
- 8) Se uma palavra termina com a consoante **s**, a vogal anterior é longa (mas, exclusivamente, se for **a**, **e**, **o**) e breve (se for **i**, **u**, **y**).
- 9) Regra das duas consoantes: uma vogal seguida por duas consoantes é sempre longa; em uma linha de poesia, as duas consoantes não precisam estar na mesma palavra para que a vogal que as precede seja longa; as letras **x** e **z** são consideradas duas consoantes, pois representam, na realidade, os sons [ks] e [dz]; os encontros consonantais **ch**, **ph**, **th** e **qu** são considerados consoantes simples; naturalmente, em virtude da regra (e) a regra das duas consoantes não se aplica a **nt** e **nd**.

Evidentemente, para todas essas regras existem exceções que, por questão de espaço, não citaremos aqui. A título de exemplificação, contudo, mencionamos somente aquela referente ao caso nominativo dos femininos da 1ª declinação, em que temos *casã*, obedecendo à regra em (a) e o ablativo *casã*, violando à regra em (a). Em caso de dúvida, somente um bom dicionário resolverá a questão.

Quanto à quantidade das sílabas (ou peso silábico), algumas definições podem ser consideradas, como a que diz que uma sílaba é leve (breve) se terminar em uma vogal breve ou aquela que atesta que uma sílaba é pesada (longa) se contiver uma vogal longa ou um ditongo ou se terminar em consoante seguida por outra consoante. Notemos que essas definições são equivalentes às definições mais gerais dadas anteriormente.

No que diz respeito à acentuação, as palavras latinas apresentam o seguinte comportamento: a) se compostas por duas sílabas, têm acento na primeira sílaba; b) se têm mais de duas sílabas, são acentuadas na penúltima sílaba se, porém, esta é longa. Se a penúltima sílaba é breve, o acento cai na antepenúltima.

3.2. As consoantes latinas

Em termos gerais, as consoantes latinas são praticamente as mesmas do português, conforme listado, na Tabela II, a seguir, que,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

como já antecipamos, trata-se de uma sistematização de informações (muitas vezes divergentes entre si) retiradas de estudos como, por exemplo, Allen e Greenough (1903), Bennet (1913), Kent (1932), Sturtevant (1940), entre outros.

	Labial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d		k g	
Oclusiva	p ^β		t ^β		k ^β	
Aspirada						
Oclusiva					k ^w	
Lábio						
Velarizada						
Nasal	m		n		ŋ	
Vibrante			r			
Fricativa		f	s			h
Aproximante	w			j		
Aproximante Lateral			l			
Africada			dz			

Tabela II: Inventário fonético consonantal do latim Clássico.

Como na proposta de apresentação dos sons vocálicos, listamos, a seguir, exemplos de palavras (transcritas fonética e graficamente) em que os sons consonantais do latim ocorrem. As letras ou conjuntos de letras (dígrafos) que representam os referidos sons na escrita são destacados nas formas grafadas das palavras.

(22)[p]: [puɛr]	p	<i>puer</i>	‘menino’
(23)[b]: [b na]	b	<i>bona</i>	‘boa’
(24)[t]: [kaput]	t	<i>caput</i>	‘cabeça’
(25)[d]: [dɪɡɪtu s]	d	<i>digitūs</i>	‘dedo’
(26)[k]: [klawis]	c	<i>clavis</i>	‘chave’
(27)[k]: [kart ^h a go]	k	<i>Karthāgō</i>	‘cartago’
(28)[g]: [ga llus]	g	<i>gāllus</i>	‘galo’
(29)[p ^h]: [sulp ^h ur]	ph	<i>sulphur</i>	‘enxofre’
(30)[t ^h]: [t ^h ro ia]	th	<i>Thrōia</i>	‘Tróia’
(31)[k ^h]: [pulk ^h ra]	ch	<i>pulchra</i>	‘bonita’
(32)[k ^w]: [k ^w i nk ^w ɛ]	qu	<i>quinque</i>	‘cinco’
(33)[m]: [ma nu s]	m	<i>magnūs</i>	‘grande’
(34)[n]: [nowɛm]	n	<i>novem</i>	‘nove’
(35)[]: [beni nus]	gn	<i>benignus</i>	‘benigno’
(36)[r]: [reks]	r	<i>rex</i>	‘rei’
(37)[f]: [filius]	f	<i>filius</i>	‘filho’

(38)[s]: [septem]	s	<i>septem</i>	'sete'
(39)[h]: [hostis]	h	<i>hostis</i>	'inimigo'
(40)[w]: [wir]	v	<i>vir</i>	'homem'
(41)[j]: [jus]	i	<i>ius</i>	'direito'
(42)[l]: [lewis]	l	<i>levis</i>	'leve'
(43)[dz]: [dzep ^h rus]	z	<i>Zephyrus</i>	'Zéfiro'
(44)[ks]: [auda ks x]		<i>audāx</i>	'audaz'

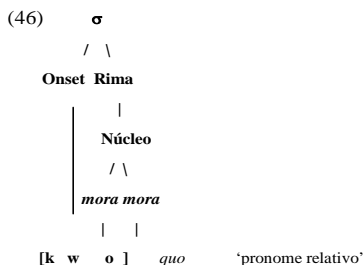
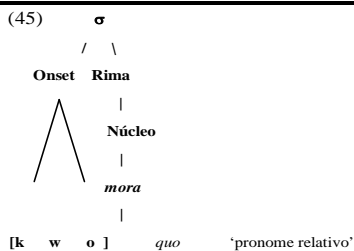
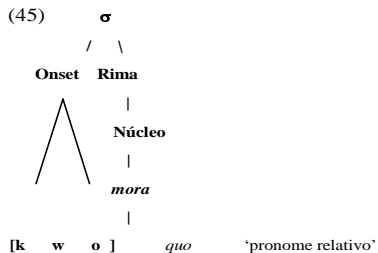
A série de oclusivas aspiradas [p^h, t^h, k^h] se distingue da série de oclusivas simples [p, t, k] por ter sua articulação prolongada por uma espécie de aspiração (simbolicamente representada por [h] sobrescrito). Na escrita, são representadas, respectivamente, por **ph**, **th**, **ch**, ou seja, as primeiras letras dos grupos consonantais representando os sons oclusivos seguidos de **h** que indica a aspiração. Estes sons foram introduzidos no latim para representar as palavras de origem grega e, na verdade, não se sabe ao certo se, embora presentes na grafia, eram mesmo emitidos na fala com aspiração. O conjunto de letras **ph** do latim se refere ao símbolo **φ** do Grego; já **th** corresponde a **θ** e **ch**, a **χ**. Por razões puramente históricas, preferimos manter esses fonemas na Tabela II, embora sempre tendo em mente que são fonemas importados para grafar palavras em grandes quantidades, mas em condições muito especiais.

Como podemos ver nos exemplos (26) e (27) o som [k] tanto pode ser representado na escrita pela letra **c** como pela letra **k** e, ainda, em alguns casos pela letra **q** (esta última afirmação será tratada com mais detalhes posteriormente). Contudo, como dissemos anteriormente, **k** ocorre exclusivamente em nomes estrangeiros e caiu em desuso.

A letra **b**, antes de **s** e **t**, nos grupos **bs** e **bt**, é pronunciada como sua contraparte desvozeada [p], como na palavra que traduz "povo" *plēbs* [ple ps]. O que se verifica, nesses casos, são processos de desvozeamento da oclusiva vozeada [b] devido ao contato com a fricativa [s] e a oclusiva alveolar, ambas desvozeadas.

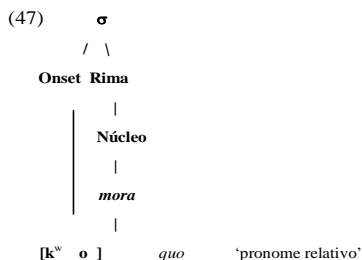
A oclusiva lábio-velarizada [k^w] é um dos sons que, em termos da língua latina, gera controvérsias. Alguns estudiosos sustentam que o som representado pela sequência de letras **qu** diz respeito a duas articulações: a consoante oclusiva [k] e a aproximante [w]. Nesses termos, a estrutura silábica que contém essa sequência de sons, como, por exemplo, na palavra *quo* (que traduz um pronome

relativo como “que” no ablativo), pode ser interpretada de duas formas: com um *onset* complexo, constituído por dois segmentos consonantais, como em (45), ou com um núcleo complexo, em que a aproximante [w] tem *status* de vogal, como em (46), a seguir:

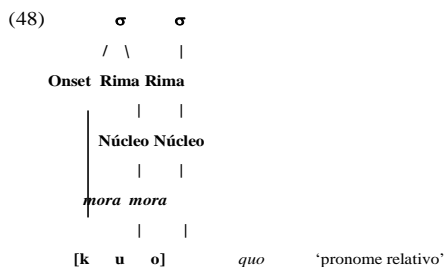


Por outro lado, há quem defenda que o som representado pelo conjunto de letras **qu** seja, de fato, uma oclusiva cuja articulação é prolongada por um processo de lábio-velarização marcada pelo símbolo [w] sobrescrito. Assim, no caso da palavra *quo*, o que se tem é

uma estrutura silábica relativamente simples, ou seja, CV, tal como podemos ver, a seguir:



Finalmente, uma terceira hipótese defendida por alguns gramáticos é a de que o conjunto de letras **qu** representa, respectivamente, a oclusiva velar [k] seguida da vogal [u]. Nesses termos, foneticamente, a palavra *quo* teria a seguinte configuração, em termos de estrutura silábica:



Essa terceira hipótese, entretanto, parece pouco consistente se levarmos em conta a duração das “supostas” vogais. Pela análise de sua presença nas poesias, sabe-se que na palavra *quo*, a vogal [u] é breve; já a média-baixa [o] é longa. Assim sendo, a representação, em (48), se torna pouco provável, pois, uma sequência de vogais em que [u] é breve e antecede outra que é longa, em geral, acaba constituindo um ditongo. Com isso, a vogal [u] pode ser enfraquecida na fala de modo a se comportar como a aproximante [w] tal como expresso na representação em (46).

Outra evidência de que a combinação **qu** é diferente de **ku** está ligada ao fato de os gregos terem importado do alfabeto semítico

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

as letras **q** (*qoph*) e **k** (*kaph*) e usaram **q** antes de vogais anteriores (STURTEVANT, 1939, p. 221). Com o tempo **k** tomou o lugar de **q**. Os etruscos herdaram **q** e **k** dos gregos. As inscrições antigas mostram que a letra **q** era usada nos mesmos ambientes em que os gregos a usavam e **k**, somente antes de **a**. Os etruscos não possuíam consoantes oclusivas vozeadas e empregaram **c** (do grego Γ) como uma oclusiva velar desvozeada, sendo que mais tarde esse grafema tomou conta dos outros dois. Assim, no Etrusco, **c**, **q** e **k** representavam um mesmo fonema. Inscrições latinas antigas mostram essas letras distribuídas como no Etrusco. Com o tempo, em latim, como já dissemos anteriormente, [k] acabou caindo em desuso. A ortografia padrão latina, contudo, manteve **q** no dígrafo **qu**. Os gramáticos latinos achavam pouco comum ter três símbolos para representar um som que, no Grego, só se referia ao som expresso pela letra κ (*kappa*). Entretanto, palavras, tais como *ǎqua* e *ěquos*, têm a primeira vogal breve, como se pode atestar na literatura poética, e dessas mesmas fontes atesta-se que palavras com duas consoantes como *ǎdversus*, *ǔbvius*, *sĭlva*, entre outras, têm a vogal anterior longa. Através da regra das duas consoantes, suspeita-se que o conjunto de letras **qu**, na realidade, se refere a uma única consoante, a qual, considerando os argumentos aqui apresentados, seria então a oclusiva velar lábio-velarizada [k^w].

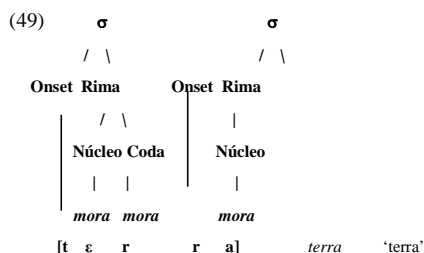
Dessa forma, nos vemos ainda em um impasse sobre o som latino que, no final do Século I a. C., era representado pelo conjunto **qu** na escrita. A nosso ver, tanto a proposta de que as letras **qu** se referem à sequência oclusiva velar [k] e aproximante lábio-velar [w], como aquela que defende que o conjunto dessas letras corresponde à oclusiva lábio-velarizada [k^w] parecem pertinentes. Aliás, em termos fonéticos, a diferença entre as duas hipóteses na fala rápida é praticamente inexistente, de forma que nos parece desnecessária uma afirmação concreta de que uma ou a outra hipótese é a considerada correta. De qualquer modo, está aí uma questão que ainda pode render maiores discussões.

No nível das nasais, sobre a velar [], que os romanos chamavam *agma*, temos a considerar que, quando a letra **g** se encontra antes de **n**, no conjunto **gn**, esse grupamento de consoantes nasaliza a vogal precedente de modo que uma palavra como *ǎgnus* seria pronunciada da seguinte forma: [a nus]. Lindsay (1904, p. 402), base-

ando-se na frase de Plautus em Rudens, 767: *Ignem magnum hic faciam. Quin inhumanum exuras tibi?*, verificou que parece haver uma palatização do grupamento **gn** para fazer com que *ignem magnum* tenha semelhança com *inhumanum*. Assim, o referido autor propõe que, em posição intermediária na palavra, o grupo **gn** se refere à nasal palatal [ɲ]. Para fortalecer ainda mais sua hipótese, Lindsay (op. cit.) cita o fato de que Cícero pronunciava *ignomínia* mais ou menos como *innonimia*. Apesar disso, certamente, maiores estudos devem ser feitos nessa direção, já que muitos autores, como Kent (1932, p. 147) e Kelly (1967, p. 68) levantaram a hipótese de existência do fonema nasal velar [ŋ] em suas descrições.

Com respeito à vibrante [r], acreditamos que esse som era recorrente no idioma latino, inclusive de forma duplicada, como na palavra *terra* em que, de acordo com a literatura e a prática (sobretudo, da pronúncia do latim eclesiástico), a sequência de letras **rr** representa sons diversos como a vibrante uvular [ʀ], ou as fricativas [ç], [X], [ʁ], [ʁ], que aparecem como possíveis reflexos nas diversas línguas românicas em suas formas principais ou em suas variedades.

De nossa parte, defendemos a ideia de que, na realidade, **rr** se refere a um encontro consonantal que ocorre na união de duas sílabas dentro de uma palavra. Assim, em *terra*, as sílabas *ter* + *ra* são representadas foneticamente como em [tɛr.ra], com a vibrante [r] sendo articulada de forma repetida. Na estrutura silábica, a referida palavra pode ser assim representada:



Nota-se, em (49), a primeira consoante vibrante [r] da sequência geminada ocupa a posição de coda da primeira sílaba; na segunda sílaba, o segundo [r] se coloca na posição de ataque. Algumas ideias corroboram essa hipótese como a que atesta que as sílabas pe-

sadas costumam atrair o acento. Como já dito, uma sílaba pesada é necessariamente composta ou por uma vogal longa (núcleo complexo) ou por uma vogal e uma coda (posição silábica final preenchida por uma consoante). Desse modo, é compreensível que nas palavras da língua portuguesa “fazer” e “feroz” o acento recaia sobre as últimas sílabas, já que estas são pesadas por serem constituídas por VOGAL + CONSOANTE. Da mesma forma, em palavras como “casa”, “jogo”, “bebê”, é possível detectar a sílaba acentuada pelo critério de alongamento vocálico, conforme mostram as respectivas transcrições fonéticas dessas palavras: [ʃka za], [ʃCo go] e [beʃbe]. Isto é, dada uma seqüência de duas ou mais sílabas na palavra, será acentuada aquela que contiver a vogal mais longa.

Alguns casos, porém, podem suscitar dúvidas como, por exemplo, as palavras “mister” e “resposta”. Considerando o fator peso silábico e existindo em ambas as palavras mais de uma sílaba pesada (com coda silábica preenchida), sobre qual dessas sílabas cairia o acento e por quê? Uma resposta provável para tais questões pode ter respaldo em Prince (1983, p. 67) para quem a distinção entre sílaba pesada e leve não estaria em seus componentes estruturais (rima simples, ou seja, núcleo *versus* rima complexa, isto é, núcleo complexo ou núcleo + coda). Para o autor, a sílaba sobre a qual o acento pousa é aquela que encerra maior sonoridade vocálica.

A sonoridade vocálica pode ser entendida se pensarmos que as vogais são emitidas com graus diferentes de abertura da boca. Assim, quanto mais aberta estiver a boca na articulação de uma determinada vogal, mais sonoro será esse som; em contrapartida, quanto mais fechada a boca estiver, menos sonora será a vogal. Em geral, como vimos nos pressupostos teóricos, as vogais são classificadas como abertas ([a], [ɛ], [ɪ]) ou fechadas ([i], [u], [e], [o]). Todavia, buscando classificar com mais precisão as vogais quanto ao seu grau de abertura, muitas teorias fonológicas propuseram escalas para o traço fonético [aberto]. Uma dessas propostas para as vogais do português, baseada em Clements e Hume (1995), é dada na Tabela III, a seguir:

Abertura	i	u	e	o	ɛ	ə	a
Aberto ₁	-	-	-	-	-	-	+
Aberto ₂	-	-	+	+	+	+	+
Aberto ₃	-	-	-	-	+	+	+

Tabela III: Grau de abertura da boca (sonoridade) das vogais do português.

Notemos que o traço [Aberto₁] só está presente na produção da vogal [a]. Isso porque essa vogal é aquela em que o falante mais abre a boca ao produzir sons. O traço [Aberto₂], por sua vez, é característico de todas as vogais, exceto [i] e [u] que, aliás, não possuem o traço [Aberto] em nenhum de seus níveis. De fato, na produção de [i] e [u] praticamente não se abre a boca. O traço [Aberto₃] não está em [e] e [o] além de [i] e [u], sendo característico das vogais [ɛ] e [ə] que são quase tão abertas quanto a vogal [a].

Retornando ao caso das palavras portuguesas “mister” e “resposta”, tendo em conta o critério da sonoridade vocálica, então, é natural que as sílabas acentuadas sejam, respectivamente, “ter” e “pos”. Na palavra “mister”, a primeira sílaba tem como núcleo a vogal [i] que, por ser mais fechada que [ɛ], é menos sonora não podendo, portanto, receber o acento. Já na palavra “resposta”, o que ocorre é que a vogal [e] da sílaba “res” é mais fechada que [ə], em “pos”. Logo, [ə] é a vogal mais sonora e, em consequência, aquela que atrai o acento.

Enfim, mas em que, exatamente, a teoria de Prince (1983) pode nos auxiliar na explicação do porquê de, na palavra latina *terra*, a sequência de letras **rr** não corresponder ao dígrafo das línguas neolatinas que traduz sons fricativos como [ç], [X], [ʃ], [ʒ], ou a vibrante [R]? O fato é que há quem possa argumentar que a palavra latina *terra*, ao contrário do que estamos postulando, seja foneticamente representada pelas formas: [tɛ.Xa], [tɛ.ʒa], [tɛ.Ra] ou outras. Em termos de estrutura silábica, em qualquer uma das propostas, existiriam duas sílabas leves, o que levantaria outra questão: em qual dessas sílabas recairia o acento da palavra? Ora, segundo a literatura, nessa palavra, a sílaba acentuada é a primeira. Isso, porém, não esbarra na teoria de Prince (1983), já na primeira sílaba está uma vogal

menos sonora ([ɛ]) do que aquela que está na segunda sílaba, ou seja, [a]? E é aí que entra a teoria de Prince.

Em nossa opinião, a referida teoria não está falhando nesse caso porque a sequência de letras **rr**, na realidade, representa duas vibrantes geminadas que, entretanto, ocorrem em sílabas diferentes: uma na posição de coda silábica, a outra, na posição de ataque silábico, ou seja, como na representação [ter.ra]. Com isso, a primeira sílaba se torna pesada o que atrai para si o acento. Em outras palavras, diríamos que no caso do latim, a teoria de Prince (op. cit.) de que é a sonoridade que definitivamente torna uma sílaba acentuada em detrimento de seu peso, é aplicável em termos. Isto é, primeiro, verifica-se se o peso não é preponderante na definição do acento; caso não seja, então se parte para o critério da sonoridade.

No âmbito das fricativas, destacamos um detalhe sobre a glotal [h] que, de acordo com Kent (1932, p. 56), era nos tempos do Império, provavelmente uma palatal surda [ç] ou uma fricativa velar [X]. No fim da República, quase não mais se pronunciava esse som como pode ser atestado pela palavra *hānser* ‘ganso’ do latim arcaico que se tornou *ānser* no Século I.

No que respeita à lateral [l], não temos nada há comentar, já que sua ocorrência provavelmente é semelhante ao que se tem na língua portuguesa atual, mantendo, porém, sua pronúncia plena em final de sílaba. Isto é, ao contrário do que ocorre em muitos dialetos brasileiros (dentre os quais, o goiano, o mineiro de Belo Horizonte), a [l] não sofria um processo de labialização de maneira a ser articulada como a aproximante [w] em palavras tais como “mel” [ʃmew] e “sol” [ʃs w]. De igual modo, as aproximantes lábio-velar [w] e palatal [j] se assemelham aos sons do português.

Para finalizar, a africada [dz], que muitos autores descrevem como [ts] (a crença nessa pronúncia é baseada na do Velho Italiano em que **z** era [ts]), aparece na escrita como o grafema **z** que, no entanto, só existe em palavras de origem grega. Em nosso ponto de vista, [dz] deve prevalecer porque provavelmente **z** foi importado do símbolo grego *zeta* “ζ” cuja pronúncia é [dz] nessa língua.

Finalmente, embora não tenha sido destacada na Tabela IV, é preciso mencionar ainda o som [ks]. Trata-se de uma articulação du-

pla composta pela oclusiva velar [k] e a fricativa alveolar [s] que também é usada em palavras de origem grega. Representada na escrita latina pela letra [x], o som [sk] é praticamente uma transliteração da letra grega *ksi* “ξ”.

4. Conclusão

Este artigo mostrou uma breve proposta de descrição da pronúncia dessa língua tal como provavelmente era falada no fim do Século I a. C., ou seja, no final da República Romana. Essencialmente, buscou-se, a partir de informações diversas, apresentar um levantamento de sons vocálicos e consonantais que se constituem como os que eram falados na época especificada. No referido inventário de sons, alguns casos suscitam controvérsias entre os estudiosos. Desse modo, procuramos discuti-los propondo algumas hipóteses que, acreditamos, mais se aproximam da pronúncia real dos latinos.

Assim, com base em teorias fonológicas atuais ou em métodos da Linguística Histórico-Comparativa, concluímos, por exemplo, que o som representado pela sequência de letras **qu** pode se referir tanto a uma única consoante, a qual, considerando os argumentos aqui apresentados, seria então a oclusiva velar lábio-velarizada [k^w] ou mesmo a uma sequência de consoantes, isto é, a oclusiva velar [k] e a aproximante lábio-velar [w]. Com respeito à sequência de letras **rr**, defendemos a hipótese de que esse suposto dígrafo se refere, na realidade, a um encontro consonantal que ocorre na união de duas sílabas dentro de uma palavra. Assim, em *terra*, as sílabas *ter* + *ra* são representadas foneticamente como em [tɛr.ra], com a vibrante [r] sendo articulada de forma repetida.

Obviamente, as propostas de interpretação apresentadas ainda são passíveis de discussão, pois nosso objetivo não é encerrar o tema. Acreditamos, porém, que no universo das letras clássicas, ainda que se tenha uma ideia geral de que o tema possa estar esgotado, nossa opinião é de que muito há ainda a ser discutido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, J. H; GREENOUGH, J.B. *New Latin Grammar*. Boston: The Athenaeum Press, 1903.

BENNET, C. E. *A Latin Grammar*. Boston: Allyn and Bacon, 1913.

CLEMENTS G.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds in GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil lackwell, 1995. p. 245-306.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KELLY, D. H. Distintive Feature Analysis in Latin Phonology. *The American Journal of Philology*, v. 1, n. 88, p. 67-77, 1967.

KENT, R. G. The Sounds of Latin: A Descriptive and Historical Phonology. *Language*, v. 1, n. 12, 1032, 206 p.

LEHMANN, W; SLOCUM, J. *Latin Online, Lesson 10*. Linguistic Research Center, University of Texas at Austin. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/depts/lrc/eieol/latol-10-R.html>>.

LINDSEY, W. N. The Pronunciation of GN in Latin. *The Classical Review*, v. 8, n. 18, 1904, 402 p.

PRINCE, A. Relating to the Grid. *Linguistic Inquiry*, n.1, v. 14, p. 19-100, 1983.

SANTOS, R. S.; SOUZA, P. C. Fonética. In: FIORIN, J. L. *Introdução à linguística. II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-58.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

STURTEVANT, E. H. The Pronunciation of Latin qu and gu. *Language*, v. 4, n. 15, p. 221-223, 1939.

_____. *The Pronunciation of Greek and Latin*. Chicago: Greenwood Press, 1940.